



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de batismo da plataforma P-53**

Rio Grande-RS, 18 de setembro de 2008

Meus companheiros e companheiras da Petrobras,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores e trabalhadoras do
Rio Grande do Sul,

Meus amigos empresários que ajudaram a construir esta extraordinária –
não sei se chamo de plataforma ou de sonda, mas, de qualquer forma, é uma
plataforma.

Vim hoje a Rio Grande de forma muito prazerosa. Quando a gente teima
que é possível fazer uma coisa, persiste, mantém muita perseverança, e
consegue, é motivo para festejar e ficar feliz. Não sei qual será a foto publicada
amanhã na imprensa brasileira, mas eu penso que é invejável, para qualquer
país do mundo, saber que este país, que há seis anos afirmava
categoricamente que não tínhamos tecnologia para fazer uma plataforma,
consegue gerar um monumento extraordinário, motivo de orgulho para todos
nós.

Quando estava sentado ali, que a televisão mostrava a foto da
plataforma inteira... quando terminar este ato, seria importante que – pelo
menos a imprensa oficial – todos os trabalhadores pudessem ficar de pé para
bater uma foto, para que a gente pudesse fazer disso um monumento ao
orgulho do povo brasileiro, um monumento à criatividade do povo brasileiro.

Quero agradecer à engenharia brasileira. Hoje ela é motivo de orgulho,
mas, seis anos atrás, nós travamos um debate neste país, se a engenharia
brasileira tinha ou não condições de fazer isso. Não foi um debate menor. Foi
um debate em que eu utilizei muito a minha relação de amizade com os



engenheiros da Petrobras – com os aposentados e com os da ativa – utilizei muito a força e a vontade dos trabalhadores e do Sindicato dos Metalúrgicos – sobretudo do Rio de Janeiro, quando tinha uma indústria naval mais forte – e utilizei o Sindicato dos Empresários da Indústria Naval para fazer esse debate. Vejam que esta plataforma consegue superar aquilo que nós mesmos preconizamos, quando decidimos fazê-la. Decidimos fazer uma plataforma com pelo menos 65% de componentes nacionais, e esta plataforma chega a 72% de componentes nacionais, o que é uma coisa exuberante. Significa que, a partir desta, nós poderemos fazer muitas mais.

Eu penso que é assim que a gente constrói uma nação. Uma nação, uma comunidade, uma família, a gente só constrói se acreditar, se persistir, e se demarcar o limite das coisas que queremos alcançar. Sem essa determinação, nós não vamos a lugar nenhum e não passaríamos de um país grande e importante, mas chorão. Há muito tempo eu tenho dito, nos fóruns internacionais, que eu não debito a pobreza a que este país ficou submetido por um século aos outros países. É muito fácil fazer um discurso e dizer que a nossa miséria é por causa dos Estados Unidos, da União Européia, por causa de alguém, que não nós mesmos. É importante que a gente assuma a meã culpa e saiba que neste país nós já tivemos ótimas oportunidades como esta que estamos tendo agora, e jogamos fora. Jogamos fora porque neste país a expressão “distribuição de renda” era proibida. Pobre era um objeto eminentemente estatístico e eleitoral em época de eleição, não era tratado como cidadão brasileiro à procura de uma chance e de uma oportunidade.

Descobrir essas coisas é o que determina o perfil de uma nação, é o que nos garante andar de cabeça erguida pelo mundo dizendo que não estamos pedindo favor. O que nós queremos é construir associações e parcerias que permitam a este país, com os seus próprios recursos, se desenvolver e gerar aquilo que todos nós sonhamos, que é a riqueza a ser distribuída a todos os brasileiros. Se a gente não fizer assim, vamos repetir erros clássicos, de



momentos em que a economia brasileira chegou a crescer 14% ao mês e a renda não era distribuída, os ricos ficavam muito mais ricos e os pobres ficavam muito mais pobres.

Hoje eu estava lendo um papel, que passei para as mãos do José Sérgio Gabrielli, são os dados da Pnad, anunciados pelo IBGE hoje. E com muito orgulho eu posso dizer para vocês que melhoraram todos os indicadores sociais: melhorou a renda, o número de empregos, o crescimento da indústria e a perspectiva deste país. Eu poderia dizer, olhando para todos vocês, que melhorou a auto-estima do povo brasileiro e melhorou a nossa perspectiva de futuro. A partir de agora, nós temos que continuar fortalecendo essas coisas que estão dando certo.

Tem uma crise nos Estados Unidos, que vocês estão acompanhando pela imprensa. Uma crise muito forte, que tem levado a maior economia do mundo a sobressaltos extraordinários. Eu vejo, com uma certa tristeza, bancos muito importantes que passaram a vida dando palpites sobre o Brasil, que passaram a vida dizendo o que a gente deveria ou não fazer, que passaram a vida medindo o risco deste país, que passaram a vida fazendo propaganda para investidores sobre se o Brasil era ou não confiável - era como se eles fossem os superinteligentes, e nós os supercoitados - é com muita tristeza que esses palpiteiros estão quebrando, estão entrando em concordata. Na verdade, determinaram nos últimos anos, no mundo, não que o capital pudesse circular livremente pelo mundo, gerando empregos e riqueza. Mas determinaram que a especulação financeira, o cassino do sistema financeiro internacional pudesse determinar a lógica da economia.

Nós, no Brasil, vivemos um momento ímpar. Não que não estejamos preocupados, estamos. Estamos preocupados por que quando eu fico sabendo que um companheiro na minha cidade ficou com dengue, eu tenho que me precaver para que também não pegue dengue. E como os Estados Unidos são a maior economia do mundo, é o maior país importador do mundo, nós temos



que estar preocupados com o que está acontecendo lá. Se houver uma recessão nos Estados Unidos, isso poderá trazer prejuízos a todos os países do mundo.

Eu perguntaria aos nossos queridos empresários, ao (inaudível), nosso presidente da Federação dos Empresários do Rio Grande do Sul: se fosse há oito anos, como estaria o Brasil com essa crise americana? Certamente, nós já teríamos quebrado. Hoje, graças ao sacrifício que fizemos em 2003, graças ao sacrifício que fazemos quando temos que fazê-lo... Quem governa um país tem que saber, claramente, que sua vida não é só de aplausos, que tem momentos adversos. Eu sei que trato isso como trato de um filho. Não importa que o filho chore, não importa que reclame, não importa que bata o pé. Se tiver que dar um remédio amargo para ele sarar, a gente tem que enfiar o remédio na boca dele, senão ele morre. E o País é assim. Em economia não tem mágica: ou a gente toma as decisões certas no momento certo, ou vai amargar os dissabores de ter sido covarde e de não ter tomado as atitudes corretas no momento correto.

Quantas vezes um dirigente sindical decreta uma greve e depois não sabe como pará-la? Quantas vezes ele está vendo que o trabalhador está perdendo a cada dia e ele não tem coragem de falar: “companheiros, vamos voltar a trabalhar. Essa nós perdemos. Vamos nos organizar para fazer uma melhor no ano que vem”? É muito simples decretar uma greve, e é muito difícil encarar os trabalhadores e dizer: “vamos voltar a trabalhar que nós perdemos essa”. Não é todo dirigente que tem coragem, da mesma forma que não é todo dirigente que tem coragem de fazer as coisas no momento certo.

Este país teve um sucesso extraordinário. Durante 30 anos nós fomos a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, na hora em que fomos espremer o resultado desse crescimento, nós tínhamos milhões de brasileiros marginalizados, com 100 anos de atraso na nossa educação, com 100 anos de atraso em investimentos em ciência e tecnologia. Tudo isso precisa ser



recuperado urgentemente para que nós sejamos uma nação competitiva. Neste mundo globalizado quem não estiver preparado, quem não tiver conhecimento, quem não tiver investido em ciência, tecnologia e muita pesquisa, vai ficar para trás.

Podem ficar certos de que esta vai ser uma fotografia que vou levar na minha pasta. Aonde eu chegar no mundo e disserem “o Brasil não pode fazer”, está aqui para vocês. Nós podemos fazer esta e a de vocês. É só vacilar que a gente pode fazer muito mais.

Este momento que estamos vivendo é um momento singular. Nós temos aproximadamente 207 bilhões de dólares de reservas, que é um colchão importante para a gente enfrentar a crise; a nossa economia não depende mais do fluxo da balança comercial com os Estados Unidos, embora ainda tenhamos um fluxo comercial grande. Há dez anos, os Estados Unidos representavam acima de 26 ou 27% daquilo que a gente exportava, e hoje representa 15%. Nós, hoje, diversificamos a nossa relação comercial com a América Latina, com a África, com o Oriente Médio, com os países asiáticos. Hoje somos mais independentes nessa relação comercial. Isso nos permite ter mais flexibilidade e, ao mesmo tempo, ficar de olho, acompanhando o que está acontecendo na economia mundial. A economia americana em crise vai causar problemas em alguns lugares. Estou convencido de que o Brasil será um país que sofrerá muito pouco caso haja uma recessão profunda nos Estados Unidos.

Não vamos ficar esperando as coisas acontecerem. Anunciaram, esses dias, a crise dos alimentos: aumentou o preço da soja, do feijão, do leite. Diziam que era uma inflação internacional, e era uma inflação mundial por causa das commodities. Eu dizia: em vez de ficarmos chorando a inflação mundial, a falta de alimentos, nós vamos produzir alimentos. Anunciamos o maior programa de financiamento da agricultura brasileira, que foi aprovado agora pela Câmara dos Deputados, e anunciamos o financiamento de 25 bilhões de reais até 2010, para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas



agrícolas para a agricultura familiar, para dobrar aquilo que nós produzimos e que o nosso povo come.

Em vez de ficarmos chorando as desgraças, temos que nos insurgir contra elas e nos contrapor para fazer alguma coisa. Afinal de contas, eu tenho certeza de que, aqui, ninguém nunca ganhou nada de graça. Cada coisa que a gente ganha é se matando de trabalhar, é se matando de batalhar. O País, durante um tempo, acreditou que a gente poderia ser grande e potente se se desfizesse de todo o patrimônio público. Chegaram até a tentar mudar o nome da Petrobras, achando que era mais chique. Vocês sabem o que foi vendido neste país.

Eu digo sempre o seguinte: numa crise de desemprego, em 1965, fiquei um ano e quatro meses parado. Aqui deve ter gente que já ficou esse tempo parado. Não tem nada pior na vida de um homem do que não ter, no final do mês, dinheiro para levar o leite e o pão para cuidar da sua mulher e da sua família. Não tem nada mais grave do que um ser humano se levantar pela manhã, olhar para a mulher, olhar para o fogão, olhar para um filho, e saber que naquele dia ele não tem dinheiro para comprar a comida de cada dia.

Nessa crise de 1965, eu dizia: em crise, a gente não vende nada. Se a gente vender alguma coisa em crise, vai vender mais barato. Se o comprador de alguma coisa souber que você está com a corda no pescoço, por uma coisa que vale dez, ele oferece um; por uma coisa que você oferece por um, ele oferece 0,1. Então, se você tiver que se desfazer de uma coisa, espere um momento excepcional, porque tudo valoriza. O pessoal dizia: “Lula, você está desempregado, por que não vende a geladeira? Por que não vende o fogão?” E eu nunca aceitei a idéia de que, para resolver um problema, eu tivesse que criar outro.

O Brasil, teve um tempo em que a gente tinha problemas no nosso saldo de pagamentos, e ele resolveu vender todas as empresas. Não vou dizer quais, mas quase que a Petrobras é privatizada. Nós temos 62% de ações vendidas,



não é isso? O governo só tem 35% das ações. Trinta e oito. Ainda bem que não tiraram o direito de o presidente da República indicar o presidente da Petrobras e a diretoria, porque senão seriam indicados pela Bolsa de Nova Iorque. Nada contra que a gente tenha ações na Bolsa de Nova Iorque, na Bolsa de Tóquio, na Bolsa de Pequim, na Bolsa de Garanhuns, mas a verdade é que uma empresa como esta é estratégica para a construção da soberania de um país.

Nós, agora, encontramos pré-sal, ou seja, petróleo e gás que estão a 6, 7 mil metros de profundidade. Vamos ter que fazer investimentos muito grandes para dominar toda a tecnologia e trazer para cá esse petróleo e esse gás, para transformá-los em mais educação, mais empregos, mais comida, mais ciência e tecnologia, mais saúde. É preciso que o resultado dessa riqueza toda seja partilhado entre todos, porque senão alguns ficarão mais ricos e a outra parte continuará mais pobre.

Acho que essa é uma dádiva de Deus para a gente consertar algumas das coisas que estão erradas neste país. Os bolsões que a nossa geração herdou de outras gerações, que não cuidaram do analfabetismo quando precisavam ter cuidado, que não fizeram a reforma agrária quando precisavam ter feito, que não fizeram a formação profissional quando precisava ser feita... Durante mais de 20 anos, este país não fez uma fábrica de cimento, não construiu um alto-forno. Este país estava quase desacreditado de si mesmo.

A cara do País é o otimismo do dirigente, é a cara dos trabalhadores. O otimismo de um país é a disposição dos empresários. Este país não tinha crédito. Quando entramos no governo, o Banco do Brasil tinha 59 bilhões de reais disponibilizados para crédito. Hoje, são mais de 250 bilhões. A Petrobras, José Sergio... eu acho que você deveria repetir sempre esses números, porque as pessoas falam que a Petrobras teve sorte. Ela não teve sorte, o que ela teve foi comando, o que ela teve foi competência. Quando nós chegamos, ela investia US\$ 250 milhões de dólares por ano em pesquisa. A última refinaria foi



feita em 1980, 26 anos sem fazer uma refinaria. Ela investia 250 milhões por ano em refino, e agora está investindo 250 milhões por mês.

Pobre não entrava em banco neste país. Quando nós criamos o crédito consignado, quando criamos a bancarização, que permitia a um catador de papel entrar na Caixa Econômica e abrir sua conta bancária, tinha gente que torcia o nariz: “onde já se viu, este Presidente querer que pobre entre em banco? Onde já se viu, aposentado ter crédito?” Hoje o maior crédito de pessoa física neste país é exatamente o crédito consignado, quase R\$ 80 bilhões emprestados para os pobres deste país, que nunca tinham tido chance de ter crédito bancário. É por isso que a gente é capaz de construir.

O Lobão disse bem, quando eu vim aqui, de outra vez, a maioria dos trabalhadores que vinham me cumprimentar diziam: “Lula, o que a gente vai fazer depois? O que a gente vai fazer depois?” Eu voltei para Brasília com uma inquietação na cabeça e falei: José Sérgio, o que a gente vai fazer depois? Cria-se um monumento como este, traz profissionais inclusive de outros estados, gera mão-de-obra qualificada aqui e depois, se não coloca nada no lugar, o que vai acontecer? Serão trabalhadores especializados desempregados porque não tem navio, não tem plataforma e não tem (inaudível) para construir.

Graças a Deus... era para eu ter vindo uns dias antes aqui, mas eu falei: só vou lá quando a gente definir a P-55, porque a gente vai tirar uma e encostar outra, para que os trabalhadores continuem levando o pão de cada dia para casa, com o suor do seu trabalho.

Nós ainda temos muita coisa para fazer. É importante a gente ter claro que estamos só começando. Mas se tudo acontecer como o José Sergio Gabrielli pensa, como a diretoria da Petrobras pensa, como o povo brasileiro pensa e como eu penso, a gente vai transformar este país. Primeiro, vamos fortalecer a nossa Petrobras; segundo, vamos ter uma indústria petrolífera muito forte no mundo; terceiro, vamos fortalecer ainda mais a nossa indústria



petroquímica; e quarto, nós temos que cuidar com mais carinho do povo brasileiro. Eu acho que a palavra não deveria nem ser “governar”, mas cuidar. Nós temos que cuidar deste povo e deste país com o carinho que nós não tivemos durante décadas, décadas e décadas. Essa é a grande chance. Eu acho que Deus está de férias no Brasil, eu acho que ele passou mais tempo aqui desta vez, porque a cada dia a Petrobras anuncia mais um pouquinho de petróleo, mais um pocinho, cada vez mais fundo. Eu brigo com o José Sergio Gabrielli que a Petrobras vai ser processada em um tribunal internacional, porque a qualquer dia destes vai tão fundo que vai trazer um japonês na broca, na sonda. Meus amigos japoneses que tomem cuidado, ponham um capacete, porque quando virem algo estranho lá, não é um disco voador não, é a tubulação da Petrobras procurando petróleo em águas profundas.

Por último, eu quero agradecer ao nosso magnífico reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, João Carlos, que veio me comunicar que o Conselho de reitores aprovou o título Doutor Honoris Causa para mim. Chique, mas eu disse para ele que eu tomei uma atitude já há algum tempo: agradeço de coração e, se for mantido, virei receber depois que deixar a Presidência da República. Enquanto Presidente, eu não quero receber nada, porque vai que depois que eu deixar de ser Presidente eles não queiram mais dar o título? Eu quero dar essa liberdade para as pessoas agirem livremente e, também, porque eu não acho correto um presidente da República ficar recebendo, no exercício do mandato, um título, por mais motivo de orgulho que me dê o título. Quero que você diga aos nossos companheiros da universidade que eu me sinto orgulhoso e que, se Deus quiser, virei logo em 2011, aqui, buscar o meu título para ficar tão orgulhoso quanto estou agora vendo essa plataforma aqui.

Por fim, quero dizer a vocês que nós temos que acreditar que o País finalmente se encontrou com o seu destino. Eu discuto muito com as pessoas, ouço muita gente, converso muito sobre economia e fico imaginando o que



pode acontecer amanhã, depois de amanhã, porque tenho clareza que nós nos encontramos com o nosso destino, com a vocação deste país. Queria pedir a compreensão dos empresários, dos trabalhadores, de que a hora é para a gente jogar para cima, de acreditar na gente, de achar que não somos melhores do que ninguém, mas também que não somos inferiores a ninguém.

Nós estamos dispostos, inclusive, a cuidar melhor das nossas Forças Armadas. A Marinha joga um papel importante para proteger o nosso pré-sal, porque os homens já estão aí com a 4ª frota quase em cima do pré-sal. Então, a nossa Marinha tem que ser a guardiã das nossas plataformas em alto-mar para fiscalizar esse patrimônio, porque daqui a pouco chega um espertinho aí e fala: “Isso é meu, está no fundo do mar mesmo, ninguém sabe, isso é meu”. E agora que tem uma sonda que fura verticalmente, depois vai na horizontal 5, 6 km, nego, lá do país dele, vai tentar pegar o nosso petróleo aqui. Nós temos que tomar conta, eu sei que são só três metros de lâmina d’água, mas, se for preciso, nós mergulharemos e vamos lá no fundo buscar esse negócio.

Estou orgulhoso, sinceramente, estou orgulhoso. Estou orgulhoso por vocês, trabalhadores, pelos empresários brasileiros, pela nossa engenharia, por esta plataforma extraordinária, pela Petrobras, pelos números da PNAD, que são bons para o País. Estou muito orgulhoso que daqui a algum tempo... Quanto tempo, Sergio Gabrielli? Daqui a um ano e pouco, dois anos, vamos vir jogar a P-55 no fundo do mar e, quem sabe, a P-56, 57, 58...O importante é que a gente continue numa política de ascensão para que possamos transformar um dique seco ou um estaleiro numa linha de produção, para que quando um estiver fazendo uma coisa, já tenha outra esperando, de preferência aumentar os estaleiros, os diques-secos, para que a gente possa construir mais e produzir mais.

Todo mundo sabe que esses dias eu disse para o Roger Agnelli... Ele está encomendando 12 navios de 400 mil toneladas, lá na China. Eu falei: Roger me desculpe, mas uma parte desses navios nós vamos ter que fazer no



Brasil, porque não é possível que, precisando gerar emprego como estamos precisando, precisando melhorar salário como estamos precisando, nós vamos gerar emprego lá fora! Se você quer fazer uma parte lá, faça, mas uma parte tem que ser feita aqui, porque somente assim nós vamos convencer os empresários a fazer novos estaleiros, cada vez maiores, novos diques-secos, cada vez maiores, vamos ter mão-de-obra cada vez mais qualificada e o País, cada vez maior.

Um grande abraço, que Deus nos abençoe e viva a P-53.

(\$211A)